

A PIEDADE EPICUREIA: “DIVINDADES EXISTEM, MAS NÃO CONVÉM MANIPULÁ-LAS”!

**EPICUREAN PIETY: "DIVINITIES EXIST, BUT THEY SHOULD NOT BE
MANIPULATED!"**

Marcel Alcleante Alexandre de Sousa¹

Resumo:

Neste artigo, tem-se como objetivo, com base em um estudo da *Carta a Meneceu*, descrever que entende Epicuro por eusébeia. Diógenes Laercio em *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* traduziu textos que aqui estaremos estudando para, então, dar conta da proposta do artigo. De modo específico, sua doutrina acerca dos átomos está bem fundamentada para assim entender sua filosofia acerca dos deuses. Trata-se de uma pesquisa de base bibliográfica, caracterizando esse trabalho como uma revisão de literatura. Está desenvolvido a partir de dois momentos, a saber, sobre a vida sábia e sobre a piedade para o filósofo. No que diz respeito à vida sábia, temos o apego no jardim à amizade e a sabedoria. A prática da filosofia. A segunda parte trabalha a ideia de que Epicuro ensina a não temer os deuses. Diante dessas apresentações é possível concluir que a devoção aos deuses está intimamente relacionada à práxis de um filósofo, ou seja, a vida feliz.

Palavras-chave: Filosofia. Gregos. Devoção.

Abstract:

In this article, the objective is, based on a study of the Letter to Menedecus, to describe what Epicurus understands by eusebeia. Diogenes Laercio, in *Lives and Doctrines of the Illustrious Philosophers*, has translated texts that we will be studying here in order to deal with the proposal of this article. In a specific way, his doctrine of atoms is well grounded to understand his philosophy about the gods. This is a literature-based research, characterizing this work as a literature review. It is developed from two moments, namely about the wise life and about piety for the philosopher. Regarding the wise life, we have the attachment in the garden to friendship and wisdom. The practice of philosophy. The second part works on the idea that Epicurus teaches not to fear the gods. In view of these presentations it is possible to conclude that devotion to the gods is closely related to the praxis of a philosopher, that is, the happy life.

Keywords: Philosophy. Greek. Devotion.



¹ Mestre em Ciências das Religiões (2020). Doutorando em Ciência da Religião. Filiação Institucional: Mestrado pela Universidade Federal da Paraíba. Doutorando pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: marcelalcleante@yahoo.com.br, Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6761378720831836>, Bolsista: PROG. BOLSA PÓS-GRADUAÇÃO, PBPG/UFJF: 2022.1. CAPES: 2022.2.

Mas a paz de espírito é liberdade de tudo isso, é ter uma constante lembrança dos princípios gerais e mais essenciais (EPÍSTOLA A HERÓDOTO: 82).

Introdução

O termo grego “*εὐσέβεια*” traduzido por piedade, lealdade e dever está interligado ao respeito aos deuses e a prática da cidadania. Embora esse não seja menos importante que aquele, percebe-se que a vida espiritual é intrínseca a vida pública. Nas Palavras de Vernant (2006, p. 9) essa conjuntura é assim dita: “dizer que o político está impregnado de religioso é reconhecer, ao mesmo tempo, que o próprio religioso está ligado ao político. Toda magistratura tem um caráter sagrado, mas todo sacerdócio tem algo de autoridade pública”. A piedade se estrutura, assim, nessa real face da vida do homem grego. Uma mistura de religioso com político e político com religioso. Inseparáveis pela própria constituição do homem da *pólis*.

Além disso, na mitologia grega, uma deusa, um espírito personificado da piedade; filha de Nomos. A palavra eusébeia decompõe-se assim: *εὐ* que podemos dizer que significa “bem” e *σέβας* aproxima a ideia de “reverência”. O artigo de Silva, intitulado *Eusébeia: um valor do “sistema de conduta” ateniense (v século a.C.)*, trata dessa palavra em um contexto específico; segundo a autora, diz respeito “a honra devida aos deuses e que é um aspecto da piedade grega” (SILVA, 2017, p. 110). Desse modo, podemos dizer que o termo diz respeito a um agir, a reverência às imagens dos deuses, ao velar os seus segredos e leis.

Não obstante, surgiu em Atenas, do demo de Gargetos e da família dos Filaídas, Epicuro. Esse fundou uma escola de filosofia, outrora em Mitilene, em Lâmpsaco e por fim em Atenas. Em seu pensamento é possível encontrar um sistema acerca do objeto de estudo que estamos nos proposto a apresentar. Dentre suas obras, a *Carta a Meneceu*, temos menção aos deuses. Além do mais, desenvolveu um estilo de estudar filosofia, o Jardim. Um modelo que se assemelha em nossos dias ao ascetismo, propício a reflexão e a piedade. Com isso, voltaremos as suas obras para especular como esse filósofo pensa a piedade no universo ao qual estabeleceu para viver a “vida prática”. Os fatores vida sábia e vida prazerosa, possuem em Epicuro uma denotação ligada ao modo de ser e de viver. Pensar a ideia de *eusébeia* em Epicuro e estar atento a esses instrumentos ensinados no projeto do filósofo. Após essas breves palavras, sigamos para o método a qual trilharemos para o caminho de compreensão do objeto aqui em estudo.

Metodologia

Para trabalhar a temática Eusébeia no pensamento de Epicuro, a metodologia consiste na análise e interpretação da obra a *Carta a Meneceu*, não deixando, quando conveniente de citar as demais obras e de uma bibliografia secundária. Com isso, o ensaio será desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, efetivada por uma abordagem hermenêutico-filosófica rigorosa. Logo, trabalharemos o tema do seguinte modo: leitura e análise da *Carta a Meneceu*, a partir destes objetivos: compreender o que entende Epicuro por filosofia e desvelar seu posicionamento acerca do termo eusébeia. Leitura e interpretação das bibliografias aqui já levantada: ARISTOTELES. *Retórica das paixões*: 2000. EPICURO.

Sentenças Vaticanas. Tradução de Nasser Kassem Hammad (on-line). Táuria Oliveira GOMES. *A ética de Epicuro: um estudo da Carta a Meneceu*: 2003. Diógenes LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres – Livro X – Epicuro*: 2020. Marcone de Oliveira MAFFEZZOLLI. *O sentido da pragmatéia epicurista*: 2020. Gabriel Rodrigues ROCHA. *A filosofia como construção de si: Epicuro, o filósofo do jardim*: 2014. Markus Figueira SILVA. *Sobre o estilo epistolar e aforismático de Epicuro*: 2015. Talita Nunes SILVA. *Eusébeia: um valor do ‘sistema de conduta’ anteniense (V século a.C)*: 2017. Jean-Pierre VERNANT. *Mito e religião na Grécia antiga*: 2006.

Assim, apresentar-se-á a partir dos termos chave para a compreensão da piedade epicureia baseado no conceito de *tetrapharmakon* na obra *Carta a Meneceu*. Espera-se com isso, responder a seguinte questão norteadora: que entende Epicuro por eusebeia?

Por fim, a apresentação do estudo em dois momentos. O primeiro trata-se de uma exposição sobre que entende Epicuro acerca da filosofia. Nesse momento é desenvolvido a ideia de *philia* e a *sofia*. Já o segundo momento, buscamos na *Carta a Meneceu* os fundamentos para tratar de piedade. O filósofo, apesar de sua física, admite a existência dos deuses e traça um caminho para viver bem sem uma vida de temor para com os mesmos. Logo, após essa breve exposição metodológica, trilhemos com Epicuro o caminho de uma vida sábia.

Vida sábia em Epicuro

Ao trazer presente a ferramenta vida sabia, fala-se da indagação, do filosofar. Aquele que exercita a filosofia tem oportunidade para o bem viver, pois diante dos seus problemas se percorre um caminho de escolhas maduras, ou seja, a procura por um equilíbrio diante de diferentes desequilíbrios próprio ao ser humano. Por isso, encontramos as palavras preliminares do filósofo na *Carta a Meneceu* as seguintes proposições:

Que ninguém se demore a buscar a sabedoria quando for jovem, nem se canse na busca dela quando envelhecer. Pois nenhuma idade é muito cedo ou muito tarde para a saúde da alma. E dizer que o tempo para estudar filosofia ainda não chegou, ou que já passou e se foi, é como dizer que o tempo para a felicidade ainda não chegou ou que já não chegará mais. (CARTA A MENECEU: 122).

A recomendação de Epicuro chama atenção ao exercício da sabedoria. Ser sábio é a porta para lidar com as coisas da vida. Buscar a sabedoria é aprender a serenidade diante de coisas passageiras e que não se sustentam por serem fúteis. Saber discernir. Suas ações são louváveis e supera o mal estar. Respeita-se tudo o que está ao redor. Segue uma conduta autêntica. Com isso, estudar filosofia é para toda a vida. Pois, a felicidade não tem um momento específico da existência humana para assim dizer que se está feliz. A felicidade é uma busca constante e que acompanha toda a vida do ser humano.

Estudar filosofia é abrir-se para a felicidade, para uma vida feliz. Suas palavras estão trazendo presente à concepção de que a filosofia é tarefa para todos os estágios da vida. Nas palavras de Silva (2015, p. 250), os elementos introdutórios são concebidos como compêndios ao bem viver, desse modo “trata-se de uma *epítome* ética, cujos preceitos seriam também mais facilmente memorizados pelo destinatário e depois expostos por este aos demais alunos”. É um exercício que na escola epicureia é preciso habituar-se a refletir. Neste caso,

não se pode dizer que, estando jovem, deve dedicar-se apenas a ginástica. Além disso, às coisas não sólidas, como as passageiras. A filosofia é uma ferramenta que clareia a vida prática. Para o filósofo “é impossível viver uma vida agradável sem viver sabiamente, bem e justamente, e é impossível viver sabiamente, bem e justamente sem viver agradavelmente”. (*MÁXIMAS PRINCIPAIS*: 5). Em síntese, “a um só tempo a filosofia é um exercício de compreensão da *phýsis* (*physiología*) e uma prática (ética) de vida constante guiada por estes ensinamentos”. (SILVA, 2015, p. 250).

Neste sentido o homem que executa tal tarefa, outrora estando jovem, discute como uma pessoa madura e estando maduro se dedicará a vida de filósofo com vigor de jovem. Isso quer dizer que a filosofia é uma atividade perene da alma. Esse pensamento é fruto de reviravoltas na *pólis*. Sabe-se que a perda da liberdade política, diante dos macedônicos, foi modificada. Diante desse contexto, as palavras de Gomes (2003) fazem pensar a reconfiguração da filosofia no pensamento de Epicuro.

O conhecimento deixa de ser preparação para a atividade política, passando a se ocupar do aprimoramento interior do homem. Distanciada das preocupações políticas, a filosofia aspirava ao estabelecimento de normas universais para a conduta humana, tendendo a dirigir as consciências. O problema ético torna-se, então, o centro da especulação das correntes filosóficas. (GOMES, 2003, p. 149).

Com a hipótese acima, pensamos esse saber na vida prática. Da *pólis* passa-se a “aprimorar o interior do homem”. Esse fator é importante como elemento para se pensar a piedade epicurista. Afinal, a conduta daquele que vivia no “jardim” se dava pela vida interior em ação.

Epicuro ainda diz que: “portanto, é preciso cuidar daquilo que produz a felicidade, se na presença dela tudo temos, e, quando se ausenta, tudo fazemos para obtê-la” (*CARTA A MENECEU*: 122). Anexo a esse detalhe, passa-se a entender que o saber constitui um bem-estar. Mas, não só isso, pois o saber faz com que despertemos a uma segunda razão: a inconstância proporcionada por tal. Queremos dizer que por si só a filosofia é inquieta e sempre exige movimento. Mas, é nesse movimento que a atividade é pertinente. Logo, dizemos que “uma reta compreensão da *philosophía* postulada por Epicuro precisa evidenciar o sentido de unidade que perpassa seus ensinamentos e a confluência deles para uma filosofia que se realiza como sabedoria prática”. (MAFFEZZOLLI, 2020, p. 18).

O termo sabedoria, além disso, é um substantivo abstrato, provindo do radical grego *sofia*. Com isso, o jardim proporciona um encontro consigo. Além disso, um convívio com os demais amigos que fazem o discipulado. Em *Sentenças Vaticanas 52*, lemos: “a amizade percorre o mundo inteiro proclamando a todos que se despertem imediatamente para a felicidade”. Assim, “a *philía*, pois, parece ser um dos elos fundamentais que encadeiam a doutrina de Epicuro. É um elemento de união e de propagação da doutrina, para além das fronteiras da Grécia”. (ROCHA, 2014, p. 60).

Dessa forma, a *philía* e a *sofia* no jardim estariam sendo uma atividade tanto para jovens como para velhos. Uma vertente consistente em suas sentenças e significativa para a vida feliz. A filosofia que desponta no jardim, é fruto do conhecimento de como o mundo está organizado. Além disso, o modo como o ser humano faz suas escolhas e vive interiormente. O sábio sofre, pois não está imune disso.

No tratado *Sobre a conduta de vida do sábio* temos:

Além disso, aquele que uma vez se tornou sábio nunca mais assume hábito oposto, nem mesmo em semblante, se ele puder evitar isso. Ele será mais suscetível à emoção do que outros homens; isso não será obstáculo à sua sabedoria. No entanto, nem toda condição corporal, nem toda nacionalidade permitirá que um homem se torne sábio. (*SOBRE A CONDUTA DE VIDA DO SÁBIO*: 117).

Essas palavras inferem uma conduta, uma posição ética. Não seria ignorância dizer que refletir sobre *philia* e *sofia* no pensamento de Epicuro é o mesmo que raciocinar em uma ética do jardim. Isso é paradigmático. Unir em uma escola a amizade e a sabedoria como conduta de vida. Por isso, o homem sábio, fazendo disso sua norma de vida não substituirá a sabedoria pela ignorância. É um caminho/ via de ascese. Onde se procura sempre mais o aperfeiçoamento da razão e isso traz respaldo na vida prática. Outra máxima merece ser destacada ao dizer:

Os epicuristas não deixam que o sábio se apaixone; nem se preocupam com os ritos fúnebres; segundo eles, o amor não vem por inspiração divina [...] o homem sábio não fará belos discursos. Nunca ninguém melhorou pela indulgência sexual, e será sorte que não seja piorado. (*SOBRE A CONDUTA DE VIDA DO SÁBIO*: 118).

A paixão é irracional. Diante disso, não faz bem a vida feliz. Em meio a isso, o sábio não trilha esse caminho, segundo as palavras acima. Diante disso, apreende-se que é preciso ser crítico no que diz respeito às paixões. É curioso esse conhecimento paralelo à vida sábia. No pensamento de Aristóteles, presente na *Retórica das Paixões*, I “as paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer, como a cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões análogas, assim como seus contrários”. Essa tradição se faz presente no pensamento dos epicuristas. A paixão e a razão caminham contrária uma a outra. As demais preocupações como o medo da morte, os discursos e os desejos carnis dependem dessa compreensão. Não se pode escolher a vida sábia e ceder a tais inquietações.

Desse modo, continua ainda o tratado:

Nem, novamente, o sábio se casará e criará uma família: assim diz Epicuro em *Problemas* e no *Da natureza*. Ocasionalmente ele pode se casar devido a circunstâncias especiais em sua vida [...] Tampouco se deixará levar, quando embriagado: assim diz Epicuro no *Banquete*. Nem participará da política, como se diz no primeiro livro de *Dos Modos de Viver*; nem se fará um tirano; nem se tornará cínico [...] nem um medicante. (*SOBRE A CONDUTA DE VIDA DO SÁBIO*: 119).

Essa citação está dizendo que o filósofo no jardim dedicasse-a por completo a vida sábia. Uma vida com duplicidade não está inserida no pensamento de Epicuro. Diante desse comentário ao epicurismo, o sábio faz escolhas que não interferem na prática/ vivência de uma filosofia. Por isso, o casamento, a embriaguez, a política, a tirania e a mendicância afastam o homem sábio do reto caminho: a *philia* e a *sofia*. A amizade pela sabedoria no pensamento de Epicuro é o ponto alto, cume. As demais coisas são inferiores. O epicurista, em sua constante busca pelo saber, cultiva no jardim um *ethos*. Tal modelo de vida ocorre para o

aprimoramento da sabedoria na vida de cada discípulo de Epicuro. Isso os torna capazes de lidar com coisas que acompanham o ser humano, dentre elas: o medo. Assim, “um sábio não se move mais sabiamente do que outro”. (*SOBRE A CONDUTA DE VIDA DO SÁBIO: 121b*).

Após essas breves palavras sobre a vida sábia restam-nos agora se dedicar um pouco a um dos remédios epicuristas que se faz presente no opúsculo a *Carta a Meneceu*. Essa opção nos ajudará a entender o que compreende o filósofo por piedade.

Deuses existem e não devem ser manipulados

Diógenes Laércio ao falar das *Máximas Principais* de Epicuro recorre a uma classificação. Para ele “a primeira epístola é dirigida a Heródoto e trata de física; a segunda a Pítocles e trata de astronomia ou meteorologia; a terceira é dirigida a Meneceu e seu assunto é a vida humana”. (*EXPOSIÇÃO DA DOCTRINA DE EPICURO: 30*). Ainda sobre esse aspecto podemos dizer que é uma carta que trata do ser do homem em seu dia a dia para que ele possa encontrar o bem corporal e da alma. Nesse caso, acredita-se que, para falar de eusébeia, a recorrência ao texto *Carta a Meneceu*, além de oportuno, muito pode contribuir para a discussão do tema na cultura grega.

Ao pensarmos acerca do termo *tetraphármakon* recorre-se aos princípios aos quais Epicuro ensinava para uma vida feliz. Por isso, podemos dizer que remonta a “*tetra*” que tem como significado quatro e “*pharmakos*” que é traduzida por remédio. Aqui apresentamos esses remédios em forma de pergunta. São: por que temer aos deuses? Por que se preocupar com a morte? O que é bom pode ser adquirido com facilidade? As coisas ruins são fáceis de suportar?

Acerca do desenvolvimento do primeiro remédio para o bem viver, suspende-se o julgamento de que em seus textos se tenha menção a certo ateísmo. Diante disso, sustenta-se a tese de que seu tratado é uma defesa contra a manipulação da divindade. A tarefa de um filósofo é combater a manipulação que a razão humana exerce em relação aos deuses. Esse pensamento diz dos deuses o que não são.

Para defender nossa tese vamos recorrer a um primeiro fragmento da *Carta a Meneceu*. “Primeiro, acredite que Deus é um ser abençoado, imortal, como é comumente considerado”. (*CARTA A MENECEU: 123*). Essas palavras de Epicuro são uma recomendação que combate as motivações do distanciamento para com o divino. Se Deus é abençoado ele é portador de coisas boas. Isso não é ruim. Sendo abençoado está carregado de intencionalidades benéficas ao homem. A tradução está colocando um antônimo de maldição. Com isso, o fator inicial orienta aos poucos o leitor para a compreensão da natureza do divino. Além de ser bom, é imortal. A mortalidade, neste caso, está no âmbito da finitude. Desse modo, as experiências que os homens tem feito com os deuses não são ruins, mas os conceitos acerca dos mesmos é que o são. A causa disso tem ligação com uma tradição que desde Homero e Hesíodo são desenvolvidas. Então, não se pode dizer que os deuses são ruins porque anteriormente isso não estava estabelecido. Logo, a característica primordial, a priori, da piedade epicureia está contida nesta afirmação: “Deus é um ser abençoado, imortal”. (*CARTA A MENECEU: 123*).

O modo como Epicuro entende a divindade está inserido nas inferências absorvidas na filosofia de Demócrito. Os deuses não podem ser entendidos como as

demais coisas ao redor do homem. Sabe-se que o materialismo atomístico tem uma vertente volátil. Um dos passos fundamentais da compreensão do divino, neste caso, é discernir filosoficamente que um deus é incorruptível. Algo importante nestas afirmações é: como preservar em si toda a opinião acerca dos deuses sem os medir a partir da corruptibilidade própria daquele que os pensa? Infere-se que sem essa conduta a existência dos deuses está comprometida. Fala-se que deuses são e não podem deixar de ser. Mas, a partir do instante que não são considerados como devem ser, eles não são.

O segundo fator é “não atribua a Deus nada que seja inconsistente com a mortalidade e bem-aventurança; em vez disso, acredite em Deus tudo o que possa apoiar a imortalidade e a bem-aventurança”. (*CARTA A MENECEU: 123*). As duas proposições sobre os deuses confirmam que Epicuro é teísta. No entanto, a cultura da separação é algo próprio dessa filosofia. É preciso entender que existe um distanciamento muito grande entre admitir a existência de deuses e presta-lhe culto. O homem sábio lida com isso para viver a vida feliz. Por isso, suas palavras soam como um imperativo diante da existência dos deuses. Vejamos que as classificações não são suficientes para deles falar. São dois universos que se separam pelo conceito e se une pela piedade. A piedade para prestar culto, o conceito para deixar infeliz o homem que define. Já a segunda parte da citação acima, diz respeito à estrutura do pensamento em direção aos deuses. Sabendo que o modo como se pensa acerca dos deuses é insuficiente, resta estruturar uma crença. Repensar o modo como se acredita e a vida além deste mundo.

A profissão de Epicuro é “[...] os deuses existem: nosso conhecimento deles é claro”. (*CARTA A MENECEU: 123*). A existência dos deuses não se apresenta como uma dúvida. Mas, sim como uma certeza. Nem toda certeza é concebida como uma verdade. Que é indiscutível a existência dos deuses, isso é uma certeza. A verdade é antônima da mentira. Como existem verdades que são mentiras e mentiras que se tornam verdade, logo, depende dos princípios condutores de sua concepção acolher essa recomendação.

Após isso, é dito: “[...] eles não são tais como a maioria das pessoas acreditam; na verdade, a maioria das pessoas não são sequer consistentes no que elas acreditam”. (*CARTA A MENECEU: 123*). Nota-se que o filósofo, em seu projeto de relação com os deuses, já deixa bem evidente que o modo como se tem acreditado nos deuses são falhos. O objeto deus precisa ser concebido como deus. Isto é: para que querer compreender? Essas palavras de Epicuro amenizam as crenças, a relação com a divindade. Pois, a consciência tem muito haver com a coerência. Uma prenoção acerca dos deuses não é o mesmo que uma noção. Uma noção é assertiva, fundada em bases verdadeiras. Diferente da prenoção que é infundada e, neste caso, própria ao erro, ao engano. Tendo em vista essa amostra baseada nas proposições acima, as suposições não se aplicam a *eudaimonia*. A busca pela vida feliz a partir da relação do homem do jardim e deuses é configurada em conceitos/ ideias bem articuladas a natureza dos deuses, ou seja, afinidades iguais e não dispare. Como se estivesse em uma bagunça e a isso, os deuses fossem os culpados. Quando o que precisava ocorrer era uma organização do pensamento acerca dos mesmos. Tal entendimento é oposto a um pensamento distinto da natureza volátil. Vejamos que, a matéria, ao atribuir ao imaterial as razões para os benefícios e os danos aos deuses, tais hipóteses desconfiguram e ferem o universo não volátil desse tema.

A piedade, para Epicuro não se contradiz. Com isso, é equivocado “[...]”

atribuir aos deuses o que a maioria das pessoas acreditam”. (*CARTA A MENECEU*: 123). É uma via/caminho salutar para a vida feliz. Já foi dito que os deuses existem. Agora convém destacar que as verdades ditas por muitos pode não ser para outros. Refletir sobre isso e não se deixar ser influenciado pelas palavras de outros. Sobre os deuses não é dizer hipóteses. Desse modo, pode-se dizer com clareza nestas palavras que: “as coisas que a maioria das pessoas diz sobre os deuses são baseadas em falsas suposições, não em um firme entendimento dos fatos, porque eles dizem que os maiores bens e os maiores danos vem dos deuses”. (*CARTA A MENECEU*: 124).

Vejamos que com essas palavras, a piedade epicureia requer uma vida equilibrada no pensar sobre os deuses. Dizer algo acerca dos deuses não é o mesmo que dizer das evidências de nosso dia a dia. Diante do bem ou do mal, saber discernir que são frutos de escolhas, decisões.

Epicuro, portanto, defende a tese de que “nos atos de um deus não há desordem”. (*CARTA A MENECEU*: 134). Isso é predominante na compreensão da piedade epicureia. Além do mais, é uma atitude ética. É um papel que evidentemente se imprime no agir do homem do jardim. A estrutura do jardim não era propícia à manipulação dos deuses e nem de qualquer outra coisa.

Conclusão

Retomando ao primeiro tópico, foi desenvolvida a ideia de vida sábia. Para isso, a vida no jardim é um estilo baseado na *philía* e na *sofia*. Dois termos que dizem respeito à vida do filósofo. Em sua doutrina, a vida feliz é filosófica. Diante disso, paixão e vida sábia caminham distantes uma da outra.

Já no segundo tópico desse artigo, foi trabalhada a ideia de piedade epicureia a partir da *Carta a Meneceu*. Neste tratado é afirmado que Deus existe. O problema é a manipulação, deturpação da devoção para os deuses.

Diante disso, chegamos à conclusão que a piedade, na filosofia de Epicuro, presente na *Carta a Meneceu*, é ética e para o bom relacionamento com os deuses é preciso viver uma vida sábia. Só o filósofo sabe que os deuses não interferem na vida dos seres humanos, pois pensam e agem conforme a própria natureza daquele que é refletido.

Referências

ARISTOTELES. **Retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: 2000.

CARTA A MENECEU. In: LAÉRCIO, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres – Livro X – Epicuro**. Introdução, tradução e notas de Lúcio Jakobsmuschel. Montecristo, 2020.

EPICURO. **Sentenças Vaticanas**. Tradução de Nasser Kassem Hammad. Disponível em:

www.yumpu.com/pt/document/view/12792383/sentencas-vaticanas-traducao-

Acesso em: 16 ago. 2022.

EPISTOLA A HERODOTO. In: LAÉRCIO, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos**

ilustres – Livro X – Epicuro. Introdução, tradução e notas de Lúcio Jakobsmuschel. Montecristo, 2020.

EXPOSIÇÃO DA DOCTRINA DE EPICURO. In: LAÉRCIO, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres – Livro X – Epicuro.** Introdução, tradução e notas de Lúcio Jakobsmuschel. Montecristo, 2020.

GOMES, Táuria Oliveira. A ética de Epicuro: um estudo da Carta a Meneceu. **Revista eletrônica Print By UFSJ**, n. 5, p. 147-162, 2003.

MAFFEZZOLLI, Marcone de Oliveira. **O sentido da pragmateia epicurista.** 2020. Tese (Doutorado) – Curso de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MÁXIMAS PRINCIPAIS. In: LAÉRCIO, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres – Livro X – Epicuro.** Introdução, tradução e notas de Lúcio Jakobsmuschel. Montecristo, 2020.

ROCHA, Gabriel Rodrigues. A filosofia como construção de si: Epicuro, o filósofo do jardim. **Revista Reflexões**, v.4, n. 4, p. 49-64. 2014.

SILVA, Markus Figueira. Sobre o estilo epistolar e aforismático de Epicuro. **Kléos**, n. 19, p. 247-258. 2015.

SILVA, Talita Nunes. Eusébeia: um valor do ‘sistema de conduta’ anteniense (V século a.C). **Phoênix**, v. 23, n. 1, p.108-123. 2017.

SOBRE A CONDUTA DE VIDA DO SÁBIO. In: LAÉRCIO, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres – Livro X – Epicuro.** Introdução, tradução e notas de Lúcio Jakobsmuschel. Montecristo, 2020.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga.** Tradução de Joana Angélica D’Avila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Recebido: 10/2022
Aprovado: 12/2022